

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial¹

Collections and works on the History of Portugal after the 25th of April: politics and editorial action

Colecciones y obras sobre la Historia de Portugal después del 25 de abril: política y acción editorial

Collections et ouvrages sur l'Histoire du Portugal après le 25 avril : politique et action éditoriale

Flamarion Maués
Instituto Federal de São Paulo
flamaues@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta um recenseamento preliminar das coleções e obras publicadas em Portugal no período imediatamente posterior ao 25 de Abril sobre a história – à época – recente do país, trazendo à tona temas, depoimentos e memórias até então proibidos, ou que estiveram sob forte censura anteriormente. A quantidade de coleções e obras indica que esta temática teve grande destaque na ação dos editores nesse período, mostrando o interesse que a questão despertava no público. Destacarei o projeto de algumas dessas coleções e de seus editores. Acredito que eles se tornaram, naquele momento, parte de um grande movimento cultural, intelectual e político de renovação das formas como os portugueses passaram a reinterpretar a história do país relativa ao período do Estado Novo.

Palavras-chave: 25 de Abril e memória; Livros de História após o 25 de Abril; Edição política.

Abstract: This article presents a preliminary census of collections and works published in Portugal immediately after the 25th of April on the country's recent history, bringing to light themes, testimonies, and memories previously prohibited or under severe censorship. The number of collections and works indicates that this theme had great prominence in the publishers' actions during this period, showing the interest that the issue aroused among the public. I will highlight the design of some of these collections and their publishers. At that moment, they became part of a significant cultural, intellectual and political movement to renew the ways the Portuguese began to reinterpret the country's history relating to the Estado Novo period.

Keywords: 25th of April and memory; History books after the 25th of April; Political edition.

Resumen: Este artículo presenta un censo preliminar de colecciones y obras publicadas en Portugal en el período inmediatamente posterior al 25 de abril sobre la historia reciente del país en aquel momento, sacando a la luz temas, testimonios y recuerdos hasta entonces prohibidos o sometidos a fuertes presiones o

¹ Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada em 2024 no Congresso Internacional 50 anos 25 de Abril, na Universidade de Lisboa. Este artigo resulta de meu doutorado e pós-doutorado sobre a edição política em Portugal, este último financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, processo 2013/08668-0). As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 n° 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

censura. La cantidad de colecciones y obras indica que este tema tuvo gran protagonismo en la actuación de los editores durante este período, mostrando el interés que el tema despertó entre el público. Destacaré el diseño de algunas de estas colecciones y sus editores. Creo que se convirtieron, en ese momento, en parte de un gran movimiento cultural, intelectual y político para renovar las formas en que los portugueses comenzaron a reinterpretar la historia del país en relación con el período del Estado Novo.

Palabras clave: 25 de abril y memoria; Libros de Historia posteriores al 25 de abril; Edición política.

Résumé: Cet article présente un recensement préliminaire des collections et des ouvrages publiés au Portugal dans la période immédiatement postérieure au 25 avril sur l'histoire récente du pays, à l'époque, mettant en lumière des thèmes, des témoignages et des souvenirs jusqu'alors interdits ou soumis à de fortes restrictions ou censure auparavant. Le nombre de recueils et d'ouvrages indique que ce thème a occupé une grande place dans l'action des éditeurs au cours de cette période, démontrant l'intérêt que la question a suscité auprès du public. Je soulignerai la conception de certaines de ces collections et de leurs éditeurs. Je crois qu'à ce moment-là, ils ont fait partie d'un grand mouvement culturel, intellectuel et politique visant à renouveler la manière dont les Portugais ont commencé à réinterpréter l'histoire du pays à partir de la période de l'Estado Novo.

Mots-clés: 25 avril et mémoire ; Livres d'histoire après le 25 avril ; Édition politique.

Introdução

O período de cerca de 19 meses entre o 25 de Abril de 1974 e o 25 de novembro de 1975 marca um momento de excepcional efervescência e agitação política em Portugal, com o fim de uma longa ditadura e o início de um processo revolucionário totalmente imprevisto e extremamente desafiador. Dentro deste amplo movimento de transformação, destaco aqui o campo da edição de livros, que apresenta neste quadro uma de suas mais exuberantes facetas, em particular no que diz respeito à *edição política*. Parte de um movimento cultural e político mais amplo, o *boom* da edição política durante os anos de 1974-75 expressou a liberação política e cultural decorrente do fim da opressão e do isolamento pelo qual o país passara nas décadas anteriores. Nesse processo, surgiram dezenas de editoras de cunho claramente politico-ideológico, muitas delas com vinculações com partidos ou movimentos políticos.

Cabe lembrar que este forte movimento de edição política nos anos de 1974-75 não nasce abruptamente, mas é fruto de um processo de maturação que vem de alguns anos antes. Desde 1968, com a substituição, em setembro daquele ano, de Oliveira Salazar por Marcelo Caetano à frente do Governo português, iniciou-se um movimento editorial que acompanhou a rearticulação de setores oposicionistas, em especial os ligados ao campo estudantil, aos grupos de católicos progressistas que se opunham à Guerra Colonial e a

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

grupos à esquerda do PCP (Partido Comunista Português). Além disso, as promessas de liberalização do regime que então surgiram deram certo alento, inicialmente, a este movimento, pois resultaram no relaxamento momentâneo de alguns instrumentos de controle da ditadura. Mas esta “primavera marcelista” pouco durou e no começo dos anos 1970 voltou a prevalecer um regime político mais duro. Mas foi sobretudo a onda de liberdade advinda do fim da ditadura em Portugal, em abril de 1974, que fez crescer como nunca o número de editoras e de livros publicados, dos quais parte significativa era de cunho político e com perfil de esquerda, ou de denúncia do antigo regime.

Entre 1968 e 1980 existiram 138 editoras que publicaram livros de caráter político em Portugal, das quais 102 podem ser caracterizadas como editoras políticas². Nesse período foram editados cerca de 4.600 títulos políticos. Muitas dessas editoras tinham cunho claramente político-ideológico, em vários casos com vinculações a partidos ou grupos políticos. É impressionante a efervescência editorial proporcionada pelo clima de liberdade gerado com o 25 de Abril, já que apenas nos anos de 1974 e 1975 nasceram 55 das editoras que publicaram livros de caráter político. Trata-se do período em que a agitação e a participação políticas atingiram níveis nunca antes vistos no país (Maués, 2019).

Neste artigo apresentarei um recenseamento preliminar das coleções e obras publicadas em Portugal no período que vai do 25 de Abril de 1974 ao 25 de novembro de 1975 sobre a história recente do país (à época), trazendo à tona, muitas vezes, temas, depoimentos e memórias até então proibidos, ou que estavam sob forte vigilância da censura antes do 25 de Abril. Tal recenseamento ainda deverá ser complementado e detalhado, pois ele se baseia, até este momento, apenas na produção das *editoras que publicaram obras de caráter político*³ no período mencionado, o que não contempla o conjunto total da produção editorial portuguesa de então.

² Isso porque nem todas as editoras que publicaram livros de caráter político eram, necessariamente, editoras políticas. Entre elas havia também algumas editoras que, apesar de terem publicado tais obras, não tinham na política o centro de sua atuação e caracterizavam-se como editoras em que os fins comerciais se sobreponham aos demais objetivos. Algumas dessas editoras passaram a publicar tais livros em função da boa aceitação que eles começaram a ter na nova conjuntura portuguesa.

³ Ou seja, trata-se do conjunto das 138 editoras que, entre 1968 e 1980, publicaram livros de caráter político em Portugal (incluindo as 102 editoras políticas, como exposto acima). Para mais informações sobre este tema ver *Livros que tomam partido* (Maués, 2019), onde apresento um amplo recenseamento sobre a edição política e as editoras políticas em Portugal entre 1968 e 1970. Este artigo traz um novo recorte derivado

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

É importante lembrar a relação intrínseca entre a edição de livros sobre um determinado tema e a construção da historiografia sobre ele, sendo este um aspecto fundamental para a construção e divulgação do conhecimento histórico. A edição de livros é o principal meio pelo qual as narrativas históricas são formalizadas, organizadas e transmitidas ao público, o que torna esse processo uma parte essencial da historiografia.

Como já destacou Chartier (2005: 10), “o que dá sentido às análises historiográficas ou metodológicas é sua capacidade de inventar objetos de investigação, de propor novas categorias interpretativas e construir compreensões inéditas de problemas antigos”. A historiografia, como sabemos, é dinâmica e evolui conforme novos problemas, interpretações e metodologias surgem. Assim, o conjunto de obras sobre História de Portugal que surgiu logo após o 25 de Abril colaborou para que se iniciasse uma nova etapa na construção de uma historiografia sobre o tema – também ela inovadora em muitos aspectos.

Ao mesmo tempo, a edição de livros sobre História de Portugal no pós-25 de Abril, além de divulgar informações, interpretações e análises anteriormente vedadas, fez parte, certamente, de embates e lutas relacionadas à legitimidade e ao controle sobre as narrativas históricas – e sobre sua circulação –, reafirmando, assim, a importância da edição e dos editores de livros nesse processo.

Edição política

A produção de coleções e obras sobre a História de Portugal no período entre 25 de Abril de 1974 e 25 de novembro de 1975 será aqui analisada a partir da ideia de *edição política* e de *livro político*, procurando contribuir para uma definição mais refinada desses conceitos, além de sugerir possíveis caminhos para futuras pesquisas nesta área.

Minha definição básica de edição política é derivada de ideias do historiador francês Julien Hage e do historiador suíço François Valloton. Hage, que tem desenvolvido o conceito de edição política, particularmente na Europa (Hage, 2010a), afirma que a edição política é o trabalho feito por editoras “engajadas politicamente, e nas quais esta

daquele trabalho, relacionado à publicação de obras sobre História de Portugal, apresentando novas perspectivas de análise.

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

orientação constitui a sua razão de ser e estrutura o seu catálogo” (Hage, 2012) e que realizam “uma produção mais diretamente política e pragmática, imediatamente relacionada com a atualidade” (Hage, 2010b). Valloton (2007: 20) considera que a característica principal dos editores políticos é “associar de modo estreito engajamento político e editorial”⁴.

A partir dessas ideias, penso que a edição política é aquela que vincula de modo direto ação editorial e engajamento político, o que se concretiza no catálogo da casa editora, fruto de um trabalho editorial marcado por uma intenção política de intervenção social, ou seja, que parte de um projeto editorial e/ou empresarial de fundo político, cujo objetivo é promover a divulgação e o debate de determinadas ideias políticas publicamente na sociedade, posicionando-se em defesa dessas ideias. Assim, a *editora política* caracteriza-se pelo engajamento político, que estrutura o seu catálogo.

A casa editorial que realiza a edição política poderá, em certos casos, manter vínculos orgânicos com instituições políticas, como por exemplo partidos e associações cívicas. Mas poderá também ser iniciativa de um indivíduo, ou grupo de indivíduos, que a título pessoal (ou do grupo) empenha-se no ramo editorial e busca que esta atividade reflita, em alguma medida, a sua forma de ver e interpretar o mundo. Em ambos os casos o engajamento se dá pela defesa de certos princípios, ideias e causas, e se materializa nos livros editados, como resultado da íntima ligação entre edição e engajamento. Principalmente nas editoras políticas que tinham vínculos com grupos ou partidos, era marcante a militância de editores, autores e colaboradores em torno das ideias que as animavam. Por isso, estas editoras podem também ser caracterizadas como *editoras políticas militantes*.

O livro na arena política

Importante salientar o papel do livro e da edição como *organizadores políticos*⁵. No período focado neste estudo, via de regra o livro somente vinha a público pelas mãos de um editor, que atuava como um mediador em uma sociedade tipográfica já então muito

⁴ Mais informações sobre o conceito de edição política podem ser vistas em Maués, 2019.

⁵ Agradeço ao sociólogo Nuno Medeiros pelo diálogo em torno de algumas dessas considerações.

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

desenvolvida, a tal ponto que se pode falar em uma cultura tipográfica – cultura na qual a edição e os editores têm papéis relevantes. Para Medeiros (2010a: 32), a editoras funcionariam como “Instância de mediação entre um produto culturalmente peculiar e um consumo recriador ou antes entre um autor e o seu leitor”, de modo que “o editor é construtor activo da cultura impressa como instaurador privilegiado de uma ordem particular de livros – e, portanto, poder-se-ia acrescentar, de uma determinada visão do mundo” (Medeiros, 2010a: 33).

Reforçando esse papel do editor e da edição, Medeiros assinala ainda “A evidente interposição do editor nos sentidos descortináveis no texto, reveladores de uma ordenação das ideias e de uma construção tipográfica dos significados” (Medeiros, 2010b: 252), dotando “o livro publicado de um cunho proposicional, de uma afirmação, de um posicionamento, tanto no universo das leituras possíveis como no campo editorial propriamente dito” (Idem). Assim, o livro passa a ser visto como “[...] artefato produzido e sujeito a apropriações por um sistema de relações entre atores diversos cuja atividade interativa se textura a partir da ideia de sistema comunicativo” (Medeiros, 2010b: 243). Em consequência, “Ganha forma a ideia de livro como processo material e ideativo de adscrição de sentido, configurado já não exclusivamente pelo autor como fonte prescritiva mas por uma miríade de outros participantes” (Idem).

Outro aspecto a partir do qual podemos pensar o papel da edição política – e de seus editores – é aquele que a vincula a tentativas de “mobilização leitoral” de certos setores sociais (Medeiros, 2010b: 238-39). Vale dizer, entender o livro – e, portanto, todo o processo intelectual, cultural, político e editorial que ele envolve – como elemento dos embates políticos concretos que se dão em uma sociedade, no sentido de neles inserir-se como uma das formas de mobilização de pessoas e de criação (ou facilitação) de oportunidades de interação entre elas, seja virtualmente ou pessoalmente. Assim, destaca-se a visão da arena da edição política como uma arena da própria política – sem, todavia, perder as características próprias do mundo editorial e tipográfico. Desse modo, o resultado que temos, ao analisar de maneira mais detida e atenta a edição política, é a de um campo de ação intelectual e político – mas também industrial e empresarial – complexo, dinâmico e vivo.

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

Um retrato do *boom* editorial nos anos de 1974 e 1975

Um jornalista brasileiro em visita a Lisboa pouco depois do 25 de Abril registrava:

“A Revolução de Abril provocou um boom no terreno da informação. Os livros proibidos caíram de súbito em meio à curiosidade de quase meio século. Espalham-se pelas calçadas os clássicos marxistas e as obras de divulgação, que compreendem desde os enciclopedistas até os modernos divulgadores da genética. As livrarias também fervem. Em suas vitrinas predominam os fascículos sobre os eventos e livros nunca difundidos. Percebe-se, de fato, o voraz manuseio dos volumes de capa vermelha, destacando-se os títulos de [...] Cunhal e Soares, líderes respectivos dos partidos comunista e socialista” (Mercadante, 1975: 26).

O mesmo autor ressalta entre os livros então em destaque trabalhos de divulgação das estruturas de repressão do salazarismo, que traziam um inventário do sistema policial, listas com a relação dos torturadores, além de informações sobre processos de espionagem interna durante a ditadura. E também outros livros mais antigos, proibidos até aquele momento, alguns deles relativos aos primeiros anos do fascismo (Idem: 27).

Menos de seis meses após o fim da ditadura já se falava em uma “inflação editorial do pos-25 de Abril” (*Vida Mundial*, 1974: 6). E a imprensa portuguesa destacava e analisava este fato:

“Se há um sector do comércio que passa a conhecer uma situação diferente com as novas condições criadas pelo 25 de Abril, esse sector é o livreiro. [...] A que se deve esta súbita intensificação no comércio do livro? Naturalmente, à situação política que o país actualmente está a viver. Houve um véu que se rasgou e as pessoas sentiram-se, de repente, necessitadas: dum esclarecimento, dum explicação, dum palavra; ou dum suporte, dum argumento, dum referência que lhes permita definirem-se, situarem-se, num contexto subitamente subvertido e alterado” (*Vida Mundial* 1974: 49-50).

Como já mencionamos, surgem dezenas de editoras após o 25 de Abril, que terão uma atuação marcadamente política. Entre estas podemos destacar: Antídoto, A Opinião, Avante!⁶, AEPPA (Associação de Ex-Presos Políticos Antifascistas), Caminho, Contra a Corrente, DiAbril, Edições Sociais, Fronteira, Nova Aurora e muitas outras. Isso mostra como o período imediatamente após o 25 de Abril foi fértil no que diz respeito à produção e circulação de livros de carácter político, o que englobava também obras sobre a história recente de Portugal.

⁶ As Edições Avante!, do PCP, já existiam e atuavam desde 1931, mas sempre de forma clandestina. Foi só a partir de maio de 1974 que passou a atuar na legalidade.

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

As editoras que publicaram obras de História em 1974-75

O recenseamento que venho realizando mostra que foram 47 as editoras que publicaram, no período aqui abordado, coleções ou obras avulsas sobre a história de Portugal. Eis a listas destas editoras:

LISTA DAS EDITORAS

Entre parênteses aparecem a cidade sede da editora e o número de títulos publicados por ela no período 1974-75 sobre História de Portugal.

- 1 A Opinião (Lisboa) (2)
- 2 A Regra do Jogo (Porto/Lisboa) (2)
- 3 AEPPA-Associação de Ex-Presos Políticos Antifascistas (Lisboa) (1)
- 4 Afrodite (Lisboa) (2)
- 5 Afrontamento (Porto) (9)
- 6 Agência Portuguesa de Revistas (Lisboa) (4)
- 7 Antídoto (Lisboa) (2)
- 8 Arcádia (Lisboa) (4)
- 9 Assírio & Alvim (Lisboa) (1)
- 10 Aster (Lisboa) (4)
- 11 Atlântida (Coimbra) (1)
- 12 Avante! (Lisboa) (5)
- 13 Bertrand (Lisboa) (5)
- 14 Brasília (Porto) (1)
- 15 Centelha (Coimbra) (1)
- 16 Contra a Corrente (Lisboa) (2)
- 17 Dêagá (Lisboa) (4)
- 18 Decibel (Lisboa) (2)
- 19 Delfos (Lisboa) (1)
- 20 DiAbril (Lisboa) (7)
- 21 D. Quixote (Lisboa) (7)
- 22 Edições Militão Ribeiro (1)

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

- 23 Edições Sociais (Lisboa) (12)
- 24 Edição Somuna (Lisboa) (1)
- 25 Edições Luta Estudantil – Comissões Estudantis de Unidade Revolucionária (1)
- 26 Edições O Jornal (Lisboa) (1)
- 27 Estampa (Lisboa) (2)
- 28 Europa-América (1)
- 29 Fronteira (Amadora) (2)
- 30 Futura (Lisboa) (2)
- 31 Grupo Autónomo do Partido Socialista – GAPS (1)
- 32 Guimarães & C.^a Editores (Lisboa) (1)
- 33 Iniciativas Editoriais (Lisboa) (5)
- 34 Inova (Porto) (1)
- 35 Intervenção (Braga-Lisboa) (1)
- 36 Jornal de Fundão (Fundão) (1)
- 37 Líber (Lisboa) (8)
- 38 Livraria Ler Editora (Lisboa) (1)
- 39 Livraria Popular de Francisco Franco (Lisboa) (2)
- 40 Moraes (Lisboa) (3)
- 41 N. A.* Orion (Amadora) (2)
- 42 Portugália (Lisboa) (6)
- 43 Prelo (Lisboa) (4)
- 44 Editorial República (Lisboa) (1)
- 45 Sá da Costa (Lisboa) (4)
- 46 O Século (Lisboa) (2)
- 47 Seara Nova (Lisboa) (10)

A partir destas informações, verificamos que o total de títulos publicados por estas editoras sobre História de Portugal é de 151 obras, entre livros que compõem coleções e obras avulsas. Estas obras abarcam temas que abordam desde o período do golpe militar de 1926 até o Processo Revolucionário em Curso (PREC), incluindo obras de caráter histórico e historiográfico, memórias e biografias, análises políticas, sociológicas e econômicas e relatos jornalísticos sobre o Estado Novo e fatos do pós-25 de Abril.

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

O recenseamento mostra que foram 32 as editoras que publicaram coleções voltadas para a história de Portugal (ver lista no Anexo 1), totalizando 102 títulos. Destas 32 editoras, destacam-se duas editoras que tiveram cinco coleções com obras voltadas para estas temáticas: Afrontamento e Seara Nova. Em seguida, temos a editora DiAbril, com três coleções. Temos ainda sete editoras com duas coleções: Avante!, Bertrand, D. Quixote, Edições Sociais, Futura, Iniciativas Editoriais e Prelo. As demais editoras que compõem o grupo de 32 editaram apenas uma coleção cada uma. Em seguida detalharemos mais as informações sobre algumas destas coleções.

Em relação às editoras que publicaram obras avulsas, ou seja, sem coleção, sobre a história de Portugal, elas compõem um grupo de 25 editoras (muitas das quais estão também no grupo anterior) e publicaram 49 títulos (ver Anexo 2). Destas, destacam-se a editora Liber, com 8 títulos, Dêagá (4 títulos), Agência Portuguesa de Revistas, Arcádia, Iniciativas Editoriais e Moraes (3 títulos cada). Outro grupo de seis editoras publicou 2 títulos cada uma: Contra a Corrente, Futura, Livraria Popular de Francisco Franco, N. A.* Orion, O Século e Decibel. As demais publicaram apenas 1 título cada.

As coleções

Das 51 coleções apuradas, é importante destacar que analisaremos apenas os volumes editados nos anos de 1974 e 1975. É importante destacar isso, uma vez que algumas dessas coleções tiveram volumes editados antes e depois desse período. Uma primeira classificação destas coleções em alguns temas nos permite ver que os assuntos ligados à atualidade portuguesa e às questões relacionadas à história do período salazarista dominam as temáticas. Outro tema que se destaca é a luta anticolonial. Os temas em que classifiquei as coleções foram os seguintes:

CLASSIFICAÇÃO DAS COLEÇÕES POR TEMÁTICA

Atualidade Portuguesa – 16 coleções

Colecção Autores II - Afrodite (Lisboa)

Cadernos de Divulgação - Agência Portuguesa de Revistas (Lisboa)

Documentos Antídoto - Antídoto (Lisboa)

Temas Portugueses (dirigida por Vitorino Magalhães) - Arcádia (Lisboa)

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

Documentos do Nosso Tempo (direção e coordenação de Henrique Barrilaro Ruas)
– Aster (Lisboa)

Documentos de Todos os Tempos – Bertrand (Lisboa)

Coleção Teoria e Prática – DiAbril (Lisboa)

Coleção As Leis e a Revolução – DiAbril (Lisboa)

Novos Cadernos D. Quixote – D. Quixote (Lisboa)

Textos de Intervenção – Edições Sociais (Lisboa)

Coleção Revolução – Fronteira (Amadora)

Coleção Documentos – Prelo (Lisboa)

Coleção Documentos – Editorial República (Lisboa)

Cadernos Seara Nova/Actualidade Nacional – Seara Nova (Lisboa)

Cadernos Seara Nova/Actividade Nacional – Seara Nova (Lisboa)

País Realidade/“Cadernos” Decibel – Decibel (Lisboa)

Oposição e resistência ao salazarismo, denúncia da repressão – 9 coleções

Coleção Histórias da Opressão – A Opinião (Lisboa)

Para o Tribunal que Julgue a PIDE – AEPPA-Associação de Ex-Presos Políticos
Antifascistas) (Lisboa)

Caminhos da Revolução – Avante!

Coleção Resistência – Avante!

Compasso do Tempo – Delfos (Lisboa)

Episódios da Resistência Antifascista Contados por Quantos a Viveram (dirigida
por Franco de Sousa) – Edições Sociais (Lisboa)

Panfleto – Futura (Lisboa)

Música e Combate – Futura (Lisboa)

Actualidade Portuguesa – Moraes (Lisboa)

História de Portugal – 6 coleções

Coleção Movimento Operário Português – Afrontamento (Porto)

Forças do Tempo (dirigida por L. H. Afonso Manta) – Assírio & Alvim (Lisboa)

Coleção Polémica (Nova Série) – Estampa (Lisboa)

Civilização Portuguesa – Inova (Porto)

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

Coleção Seara Nova/Biblioteca de Estudos sobre a Sociedade e a Cultura
Portuguesas – Seara Nova (Lisboa)

Sociologia e Política – Guimarães & C.^a Editores (Lisboa)

Atualidade Portuguesa/ História de Portugal – 4 coleções

Coleção Universidade do Povo – DiAbril (Lisboa)

Coleção Participar – D. Quixote (Lisboa)

Cadernos Portugália (dirigida por Orlando Neves e Serafim Ferreira) – Portugália
(Lisboa)

O Homem no Mundo – Prelo (Lisboa)

Luta anticolonial – 4 coleções

Coleção Libertação dos Povos das Colónias – Afrontamento (Porto)

Coleção Arquivo – Afrontamento (Porto)

Coleção Estudos – Nosso Tempo (ou Actualidade Nacional/Estudos) - Centelha
(Coimbra)

Cadernos Livres – Sá da Costa (Lisboa)

Temas gerais - 12

Coleção Economia – A Opinião (Lisboa)

Coleção História – A Regra do Jogo (Porto/Lisboa)

Coleção Documentos – Afrodite (Lisboa)

Coleção Zero – Afrontamento (Porto)

Coleção Cidade em Questão – Afrontamento (Porto)

Informação Política – Bertrand (Lisboa)

Coleção Século XX/XXI – Iniciativas Editoriais (Lisboa)

O Povo e a Igreja – Iniciativas Editoriais (Lisboa)

Coleção Cadernos Maria da Fonte – Livraria Ler Editora (Lisboa)

Argumentos – Seara Nova (Lisboa)

Coleção De Leste a Oeste – Seara Nova (Lisboa)

Lobo Mau – Teorema (Lisboa)

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

Para termos uma ideia dos projetos e ideias que estavam na base de algumas destas coleções, é interessante vermos como os editores as apresentavam aos leitores e ao público em geral.

A coleção *Participar*, das Publicações D. Quixote, afirma que “[...] pretende ser um ponto de encontro de propostas responsáveis para a construção do Portugal novo. *Participar* na construção do Portugal novo é também – se bem que de maneira menos imediata – fazer o levantamento das diversas histórias portuguesas [...]” (Texto de contracapa do livro *A revolução portuguesa*, de Álvaro Cunhal. Lisboa: D. Quixote, 1975). Destaca-se aqui a ideia de que abria-se um novo momento na história de Portugal e que a coleção quer colaborar para a sua construção.

Da mesma editora, a coleção *Novos Cadernos D. Quixote* ressaltava um ponto importante ao afirmar que os editores “mais do que nunca se esforçarão por trazer ao público português, sem atrasos, o que de mais bem documentado se insere na grande imprensa internacional”. Desse modo, a coleção visava, ao reunir artigos recém-publicados na imprensa internacional, dar acesso ao leitor português a estas análises, que de outra forma seriam de difícil acesso no país.

Duas editoras com ligações com o Partido Comunista Português (PCP) trazem uma preocupação que será marcante neste período: dar voz àqueles que resistiram à ditadura, foram presos, torturados, se manifestaram, fizeram greves, se posicionaram de alguma forma. As Edições Sociais, de Lisboa, começaram no último trimestre de 1974 a coleção *Episódios da Resistência Antifascista Contados por Quantos a Viveram*, cujo título é autoexplicativo. No primeiro volume da coleção, o seu organizador, Franco de Sousa, publicou uma “Dedicatória ao povo português”, em que explicava os objetivos da coleção:

“A história destes 48 anos de repressão tem de ser escrita. E certamente o será. Mas, antes do historiador, és tu quem primeiro deverá ter a palavra. Quem falará do Tarrafal? Quem falará do Aljube, de Caxias, de Peniche? Quem falará das torturas? Quem falará das fugas das cadeias fascistas? Quem falará dos teus heróis anónimos, dos teus mortos? Quem falará da tua luta? Só podes ser tu. É tua a palavra” (Sousa, 1974).

E para não deixar dúvidas, listava alguns dos que seriam autores na coleção: “[...] camponeses e operários, soldados e marinheiros, empregados de escritório e funcionários públicos, intelectuais e artistas. [...] serão as primeiras contribuições para uma História do Portugal deste século, que ainda não escreveste mas terás de escrever” (Sousa, 1974).

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

A coleção *Histórias da Opressão*, da editora A Opinião, também destacava a preocupação de dar voz aos oprimidos:

“Ninguém fala por eles. São os próprios oprimidos que dizem da sua vida de miséria e da sua luta heroica, nas páginas desse livro só possível após o derrubamento do fascismo. Em ‘*Histórias da Opressão*’ é o povo que fala. É ele que na sua linguagem quotidiana, de uma extraordinária e surpreendente riqueza, produz o mais terrível dos libelos contra um sistema de exploração do homem pelo homem, contra um sistema que permite a meia dúzia viverem na abundância, enquanto a maioria vive na miséria e na fome” (Texto de orelha do livro *Depoimentos gravados*. Antonio Norton. Porto: A Opinião, 1975).

Outro aspecto presente em algumas coleções é a ideia de colaborar para o esclarecimento político das pessoas. Nesta linha, a coleção *Cadernos Livres*, da Editora Sá da Costa, se propõe a “Contribuir para o esclarecimento e formação política dos leitores, pondo-os em face dos problemas fulcrais do nosso tempo; [e] contribuir para a nova cultura em Portugal sob o signo da defesa da liberdade e dos direitos dos povos” (Contracapa do livro *A libertação da mulher*, de Rosiska Darcy Oliveira e Mirelle Calame. Lisboa: Sá da Costa, 1976).

Nesta mesma linha, a coleção *Universidade do Povo*, da editora DiAbril afirmava que:

“Esclarecer é um dever cívico no tempo português de hoje. Reflectir sobre problemas nacionais contemporâneos é uma obrigação de todos. Tomar posição é participar na vida comum. UNIVERSIDADE DO POVO constituirá uma coleção de apoio para esclarecer, ajudar a reflectir e a optar. Só é autenticamente livre um povo que conhece e, conscientemente, escolhe. UNIVERSIDADE DO POVO actuará como um estímulo à reflexão, dentro de uma perspectiva permanentemente actual” (Contracapa do livro *258 perguntas a um português eleitor* (QUELHAS, António e outros. Lisboa: DiAbril, 1975).

A coleção *As Leis e a Revolução*, também da editora DiAbril, trazia questões sobre o processo revolucionário português ao perguntar:

“São as leis que fazem a Revolução? Ou a Revolução faz as suas leis? Numa sociedade revolucionária as leis são peças fundamentais do processo, ainda que a Revolução, para o ser, comece por fazer tábua rasa de um determinado legalismo. Para, afinal, o substituir por outro, o seu. Esta coleção, *AS LEIS E A REVOLUÇÃO*, pretende, acima de tudo, divulgar, esclarecer e comentar as leis que a Revolução cria, de modo a que o Povo as conheça, critique e respeite” (Contracapa de: Maurício, Artur; Gonçalves, Castelo Branco. *Saneamento da função pública*. Lisboa: DiAbril, 1975).

Por esta pequena amostra, podemos verificar que as coleções e seus editores visavam participar, intervir e influenciar na realidade política mais imediata, de modo a

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

serem instrumentos no debate e nas lutas políticas, trazendo contribuições efetivas para as discussões e dando voz a atores e figuras políticas atuantes naquele momento.

Conclusão

Uma síntese do recenseamento realizado até aqui mostra os seguintes números em relação a obras sobre História de Portugal editadas no período entre 25 de Abril de 1974 e 25 de novembro de 1975 por editoras portuguesas que editaram livros políticos:

- Títulos editados (em coleções e avulsos) – 151
- Títulos editados em coleções – 102
- Títulos avulsos – 49
- Número de coleções – 51
- Editoras que publicaram coleções – 32
- Editoras que publicaram obras avulsas – 26
- Total de editoras: 47 (o número não é o resultado da soma das duas informações anteriores, pois muitas editoras publicaram coleções e obras avulsas)

Como já destacado, o forte movimento de edição política que ocorre no pós-25 de Abril não nasce abruptamente, mas é fruto de um processo de maturação que vem de alguns anos antes. Todavia, é inegável que o 25 de Abril inaugura e proporciona um período de excepcional efervescência e agitação políticas. Houve uma intensificação da edição política que deu ao fenômeno uma nova proporção e qualidade. Esse surto editorial político proporcionou um amplo debate e a ampliação das perspectivas políticas em discussão, mas foi também marcado por forte sectarismo político. Após o 25 de Abril ganharam ênfase as obras em torno das lutas políticas e sociais que se apresentam para a sociedade portuguesa nessa nova época. Um dos temas que ganha destaque é a recuperação da história recente de Portugal, trazendo à tona o que representou a ditadura em termos de repressão, violência e silenciamento, de atraso político, econômico e cultural.

A partir das informações até aqui reunidas, podemos traçar algumas considerações sobre o significado e a importância da edição de obras sobre História de Portugal no pós-25 de Abril.

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

Tendo em vista os temas em que classifiquei as coleções (Atualidade Portuguesa; Oposição e resistência ao salazarismo, denúncia da repressão; História de Portugal; Atualidade Portuguesa/ História de Portugal; Luta anticolonial e Temas gerais), fica claro que a ideia de trazer a público a história mais recente do país estava muito presente, assim como a necessidade de “tirar o véu” da repressão e das mazelas promovidas nos longos anos de ditadura.

Neste sentido, parece haver, apesar dos diferentes enfoques de cada coleção e de cada editora, algo como um projeto para começar a construir uma nova História de Portugal, uma história pós-25 de Abril. Nestes momentos iniciais, tal projeto ainda se apresenta de modo incipiente, com muita ênfase ao aspecto factual e documental, buscando informar e trazer a público fatos pouco conhecidos. Não há preocupação em buscar análises inovadoras ou linhas de análise históricas e/ou historiográficas inovadoras ou mais recentes. Trata-se de informar, mais do que apresentar interpretações mais elaboradas do período do Estado Novo.

Podemos concluir que a história que está sendo publicada em 1974-1975 tem um sentido de urgência, visando documentar o passado recente, não deixar que se esqueça tudo o que ocorreu em termos de censura, violências e cerceamentos à liberdade dos portugueses. É uma história que ainda tem o caráter de resistência, mesmo após o fim da ditadura. Resistência, agora, para que se recupere e valorize a memória desse passado recente e para que todos conheçam o que foram os anos de autoritarismo. Busca-se, podemos dizer, uma nova História de Portugal, ao menos no que diz respeito ao período final do Estado Novo.

Nesse processo, vale ressaltar o tema da mediação editorial (Chartier, 2002: 61), em que se destaca “o processo pelo qual os diferentes atores envolvidos com a publicação dão sentido aos textos que transmitem, imprimem e leem”. Nesse processo, os editores são aqueles que transformam os textos em livros, ou seja, “em objetos duráveis, multiplicados, difundidos, o que os outros suportes não podiam salvar do efêmero” (Idem: 75-76). Nasce daí, segundo Chartier,

“a ambivalência fundamental da atividade editorial e do comércio de livros. De um lado, somente eles podem assegurar a constituição de um mercado dos textos e dos julgamentos. São eles uma condição necessária para que possa ser construída uma esfera pública literária e um uso crítico da razão. Mas de outro, [...] a edição submete a circulação das obras a coerções e finalidades que não são idênticas àquelas que governaram a sua escrita” (p. 76).

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

No pós-25 de Abril os editores afirmam seu papel de mediadores editoriais, atuando para o atendimento de uma ampla demanda por informação política que então surgiu, assumindo um papel até certo ponto pedagógico. Nesse sentido, a ideia de “mobilização leitural” (Medeiros, 2010b: 238-39) ganha relevo: muitos livros políticos visavam exercer um papel ativo na realidade do país, um papel interveniente e mobilizador, o que era expresso na ideia do livro como instrumento de luta política. Os editores, particularmente aqueles ligados a editoras políticas, assumiram majoritariamente uma posição nas lutas políticas que se travavam em Portugal e suas casas editoriais buscaram ser sujeitos ativos na sociedade portuguesa, com papel de destaque nos debates então travados. Isso se reflete nas coleções e nas obras avulsas editadas sobre História de Portugal naquele período, como demonstra o levantamento preliminar dessas obras aqui apresentado.

Em relação à publicação das obras sobre a história recente de Portugal e o conceito de edição política, podemos considerar que elas se enquadram em “uma produção mais diretamente política e pragmática, imediatamente relacionada com a atualidade” (Hage, 2010b), realizada por estes editores. Cabe destacar que os estudos realizados por Hage e Volloton tratavam de França, Itália, Alemanha e Suíça, ou seja, países em que havia regimes democráticos. No caso português, a edição política começou a se constituir ainda sob o Estado Novo – um regime autoritário – e vai conhecer o seu ápice após o 25 de Abril, num momento de plena liberdade de expressão. Dessa forma, a experiência portuguesa agrega à edição política o fato de lidar, inicialmente, com restrições impostas por uma estrutura altamente cerceadora da liberdade de expressão que é substituída, abruptamente, por um novo regime em que as liberdades podem ser exercidas plenamente.

Por isso, em Portugal, a edição política será marcada, em 1974 e 1975, pelo seu caráter de resistência, como dito anteriormente, e pelo seu sentido de desvelamento do passado recente, que até aquele momento havia sido fortemente censurado nas publicações realizadas no país.

Ainda seguindo ideias de Julien Hage (2010b), verificamos que a publicação em Portugal das obras recenseadas neste artigo contribuiu “para a renovação da oferta editorial, para a promoção do documento político e dos textos teóricos [...]”, mostrando uma forte interação entre esta oferta editorial renovada e “uma demanda social pontual ou duradouramente politizada”.

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

Em face das limitações de espaço deste artigo, não será possível apresentar considerações específicas sobre cada uma dessas casas editoriais e seu papel particular na publicação das obras sobre a História de Portugal. A ideia é que este recenseamento, ainda que parcial, colabore para futuras investigações sobre a importância que tais obras tiveram para trazer novas informações e perspectivas sobre a história portuguesa recente logo a seguir ao 25 de Abril, de modo a permitir compreender o papel destas obras e de seus editores nesse processo. Para isso, o Anexo 1 apresenta a lista das Coleções sobre História de Portugal editadas no período entre 25 de Abril de 1974 e 25 de Novembro de 1975 por editoras que publicaram livros políticos em Portugal naquele período, com os títulos das obras editadas e respectivos autores ou organizadores. E o Anexo 2 traz a lista das obras avulsas editadas no período com as mesmas características.

Acredito que este recenseamento permite uma boa perspectiva sobre a importância que esta temática adquiriu naquele momento e de como ela foi uma área de atuação de destaque para muitos editores políticos de então.

Anexo 1 – Coleções sobre História de Portugal editadas em 1974-75

Em negrito aparecem o nome da editora e entre parênteses a cidade sede da editora. Em seguida vem o nome da coleção e, em itálico, o(s) título(s) publicado(s) na coleção durante o PREC.

A Opinião (Lisboa)

- Coleção Histórias da Opressão

Depoimentos gravados. Antonio Norton. Novembro, 1975.

- Coleção Economia

Nacionalizações e controlo da produção: trabalho colectivo de organização de economistas do Porto do Partido Comunista Português. Introdução de Armando Castro. Junho, 1975.

A Regra do Jogo (Porto/Lisboa)

- Coleção História

A conquista portuguesa de Angola. David Birmingham. 1974.

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

AEPPA-Associação de Ex-Presos Políticos Antifascistas) (Lisboa)

- Para o Tribunal que Julgue a PIDE

Porque não se destroem os ficheiros da PIDE?. Junho, 1975.

Afrodite (Lisboa)

- Coleção Documentos

Secreto. Último relatório do ex-Ministério do Interior para a ex-PIDE/Direcao-Geral de Segurança. Maio, 1974.

- Autores II

Lugar de massacre. José Martins Garcia. 1975.

Afrontamento (Porto)

- Coleção Zero

Subsídios para a história da CUF. Edit. José Soares Martins. 1974.

- Coleção Movimento Operário Português

Os trabalhadores e o lock-out em Vieira de Leiria. José Gomes Bandeira e Luís Humberto. Julho, 1974.

- Coleção Libertação dos Povos das Colónias

História da Guiné e das ilhas de Cabo Verde. PAIGC. Junho, 1974.

História de Moçambique. Frelimo. Junho, 1974. (1971)

Textos políticos. Amílcar Cabral. Julho, 1974. Na p. 4 consta: “Reedição de uma publicação clandestina impressa a offset e editada pelo grupo responsável do Boletim Anti-Colonial – BAC.”

Wiriyamu. Adrian Hastings. Outubro, 1974.

História de Angola. Centro de Estudos Angolanos (Grupo de Trabalho e Etnologia) do MPLA. 1975.

- Coleção Arquivo

Colonialismo e lutas de libertação (7 cadernos sobre a Guerra Colonial). Setembro, 1974.

- Coleção Cidade em Questão

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 n° 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

Movimentos sociais urbanos e intervenção política: a intervenção do SAAL. Vítor Matias Ferreira. 1975.

Agência Portuguesa de Revistas (Lisboa)

- Cadernos de Divulgação

MRPP: o que é? Jorge Feio, Fernanda Leitão e Carlos Pina. 1975.

Antídoto (Lisboa)

- Documentos Antídoto

O 25 de Abril e a revolução socialista em Portugal e colónias. Ernest Mandel. Abril, 1975. Tiragem: 5000.

Os SUV em luta (manifestos, entrevistas, comunicados). Novembro, 1975.

Arcádia (Lisboa)

- Temas Portugueses (dirigida por Vitorino Magalhães)

Os militares e o poder. Eduardo Lourenço. Novembro, 1975. Tiragem: 3000.

Assírio & Alvim (Lisboa)

- Forças do Tempo (dirigida por L. H. Afonso Manta)

18 de Janeiro de 1934. L. H. Afonso Manta. 1975.

Aster (Lisboa)

- Documentos do Nosso Tempo (direção e coordenação de Henrique Barrilaro Ruas)

A revolução das flores: do 25 de Abril ao Governo Provisório. 1974.

A revolução das flores: o Governo de Palma Carlos. 1975

A revolução das flores: o Governo de Vasco Gonçalves até ao acordo de Lusaka. 1975

Avante!

- Caminhos da Revolução

Da resistência à revolução: 1963-1975. Miguel Urbano Rodrigues. Outubro, 1975.
Tiragem: 5500.

- Coleção Resistência

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

Até amanhã, camaradas. Manuel Tiago. 1975

Cartas da prisão (1 Vida prisional). José Magro. Maio, 1975. Tiragem: 10 000.

A defesa acusa: os comunistas portugueses perante a polícia e os tribunais fascistas. Abril, 1975. Tiragem: 15 500.

Tarrafal, campo da morte lenta. Pedro Soares. 2.^a ed. Setembro, 1975. Tiragem: 10 500.

Bertrand (Lisboa)

- Documentos de Todos os Tempos

Caminhos para uma revolução. Jacinto Baptista. Abril, 1975.

Morrer em Portugal. Mário Ventura. 1975.

Escritos do exílio. Mário Soares. 1975.

- Informação Política

Do Estado Novo à Segunda República (Crónica política de um tempo português). José António Saraiva. 1974.

Portugal – Cristianismo e revolução socialista. César Oliveira e Fernando Belo. 1975.

Centelha (Coimbra)

- Coleção Estudos – Nosso Tempo (ou Actualidade Nacional/Estudos)

Sobre o Ultramar: fascismo e guerra colonial. Aníbal Almeida. 1974.

Delfos (Lisboa)

- Compasso do Tempo

Memórias. Humberto Delgado. 1974.

DiAbril (Lisboa)

- Coleção Teoria e Prática

MFA e revolução socialista. César Oliveira. Março, 1975 (2.^a ed. abril, 1975).

Textos históricos da revolução. Coord. Orlando Neves. 1975. (2.^a ed. 1976).

A revolução em ruptura: textos históricos da revolução II. Coord. Orlando Neves. s/d.

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

MFA, motor da revolução portuguesa. Coord. Serafim Ferreira. Julho, 1975. Tiragem: 3100.

- Coleção Universidade do Povo

Legião Portuguesa: força repressiva do fascismo. Josué da Silva. Maio, 1975.

O Alentejo na reforma agrária: a viragem decisiva. Afonso Cautela. Julho, 1975.

- Coleção As Leis e a Revolução

Saneamento da função pública. Artur Maurício e Castelo Branco Gonçalves. Maio, 1975.

D. Quixote (Lisboa)

- Novos Cadernos D. Quixote

O 25 de Abril na imprensa estrangeira.

Portugal na imprensa estrangeira – um ano depois. 1975.

- Coleção Participar

Democratização e descolonização: dez meses de Governo Provisório. Mário Soares. Março, 1975.

A revolução portuguesa. Álvaro Cunhal. Abril, 1975. Tiragem: 5200.

O general Sousa Dias e as revoltas contra a ditadura (1926-1931). A. H. de Oliveira Marques.

A Maçonaria portuguesa e o Estado Novo. A. H. de Oliveira Marques.

A ditadura militar (1926-1933). Jorge Campinos.

Edições Sociais (Lisboa)

- Episódios da Resistência Antifascista Contados por Quantos a Viveram (dirigida por Franco de Sousa)

A revolta dos marinheiros. João Borda. Vol. 1. 1974.

O aniversário do m/P.B. Hortência Silva. Vol. 2. 1974.

Fuga de Caxias no carro blindado do Salazar. António Alexandre Tereso. Vol. 3. 1974.

Com a certeza de quem quer vencer. Aínda Paula. Vol. 4. 1974.

Luta de corticeiros. Domingos Fernandes de Carvalho. Vol. 5. 1974

A raiva de Salazar e da P.I.D.E. contra a unidade democrática representada por Humberto Delgado e outros episódios por mim vividos em 32 anos de luta antifascista.

António Horácio Simões de Abreu. Vol. 6. 1975.

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 n° 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

El Paseo – Memórias de um preso político português, na Cadeia de Cárceres, durante a Guerra Civil de Espanha. Manuel Guedes e Franco de Sousa. Vol. 7. 1974.

- Textos de Intervenção

A farsa dos pseudo-radicais em Portugal: estudo político e teórico sobre os grupos maoistas e trotskistas perante a revolução. José Manuel Jara. Maio, 1974.

Sobre a participação dos trabalhadores na empresa: estudo para reflexão sobre um tema que toma espaço na vida social portuguesa. Sérgio Ribeiro. Agosto, 1974.

A luta económica dos trabalhadores: estudo das formas da luta económica e da força política que é preciso para vencer. Sérgio Ribeiro (texto, arranjos e adaptações). 1974.

Anarquistas de ontem e de hoje. Jacques Duclos; trad. Franco de Sousa. 1974.

Maoismo em Portugal: ideologia anarquista contra-revolucionária e paródia burguesa do marxismo. José Manuel Jara. Julho, 1975. Tiragem: 5500.

Estampa (Lisboa)

- Coleção Polémica (Nova Série)

A emigração portuguesa em França. J. A. Pires de Lima. Outubro, 1974.

Para um “dossier” Gulbenkian. Mário Vieira de Carvalho. Novembro, 1974.

Fronteira (Amadora)

- Coleção Revolução

Livro verde da revolução. Citações de Vasco Gonçalves. Coord. Serafim Ferreira. s/d. Agosto, 1975.

A revolução é de todos. Rumo ao socialismo. Coord. Serafim Ferreira. Dezembro, 1975. Tiragem: 3100.

Futura (Lisboa)

- Panfleto

O processo das três Marias: defesa de Maria Isabel Barreno. Duarte Vidal. Outubro, 1974.

- Música e Combate

Memória do canto livre em Portugal. Viale Moutinho. 1975.

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 n° 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

Iniciativas Editoriais (Lisboa)

- Coleção Século XX/XXI

Balanço da colonização portuguesa. Banha de Andrade... [et al.]. 1975.

Os soldados socialistas de Portugal. Márcio Moreira Alves. Dezembro, 1975.

- O Povo e a Igreja

Cartas da prisão. Mário Pais de Oliveira. Março, 1975.

Inova (Porto)

- Civilização Portuguesa

Materiais para a história da questão agrária em Portugal, séc. XIX e XX. Seleção, prefácio e notas de Villaverde Cabral. Setembro, 1974.

Livraria Ler Editora (Lisboa)

- Coleção Cadernos Maria da Fonte

48 anos de fascismo em Portugal. Org. Carme D. Carvalhas. Junho, 1974.

Moraes (Lisboa)

- Actualidade Portuguesa

S. Tomé e Príncipe: do colonialismo à independência. Introdução e coordenação de Carlos Benigno da Cruz. 1975.

Portugália (Lisboa)

Cadernos Portugália (dirigida por Orlando Neves e Serafim Ferreira)

PIDE/DGS: um Estado dentro do Estado. Fernando Luso Soares. 1974.

O imperialismo em Angola. MPLA. 1974.

Cinco meses mudaram Portugal. Otelio Saraiva de Carvalho. Janeiro, 1975.

Ideologia e política do Estado salazarista. Prof. Jorge Campinos. Janeiro, 1975.

No regresso vinham todos: relato da companhia n.º 2549. Capitão Vasco Lourenço. s/d.

MFA. Rosto do povo. Capitão Vasco Lourenço. 1975.

Prelo (Lisboa)

- Coleção Documentos

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

A origem do Movimento das Forças Armadas. Tenente-coronel Luís Ataíde Banazol. Julho, 1974.

Os capitães: análise crítica da sua formação. Tenente-coronel Luís Ataíde Banazol. Novembro, 1974.

De como o golpe militar pode começar um processo revolucionário ou a história de Portugal que NÓS escrevemos HOJE. Sérgio Ribeiro. Junho, 1975. Tiragem: 2500.

- O Homem no Mundo

Três tiros da PIDE: quem, porquê e como mataram Amílcar Cabral. Oleg Ygnatiev. Fevereiro, 1975.

Editorial República (Lisboa)

- Coleção Documentos

Tarrafal, o pântano da morte. Cândido de Oliveira. 1974.

Sá da Costa (Lisboa)

- Cadernos Livres

A guerra do povo na Guiné-Bissau. Mário de Andrade. 1974.

Sobre a situação em Cabo Verde. Relatório do PAIGC. 1974.

Os camponeses africanos e a revolução. Basil Davidson. 1975.

Portugal e o neocolonialismo. Eduardo de Sousa Ferreira. 1975.

Seara Nova (Lisboa)

- Cadernos Seara Nova/Actualidade Nacional

As opiniões que o DL teve. José Saramago. Coedição com Futura. Janeiro, 1974.

Vinte e um dias de luta. Urbano Tavares Rodrigues. Maio, 1975.

Cantos da revolução. José Jorge Letria. Maio, 1975. Tiragem: 10 200.

- Cadernos Seara Nova/Actividade Nacional

Uma etapa da revolução. Urbano Tavares Rodrigues. Outubro, 1975. Tiragem: 4200.

- Argumentos

O obscurantismo salazarista. Joaquim Barradas de Carvalho. Novembro, 1974.

O 25 de Abril e o problema da independência nacional. António Borges Coelho. Agosto, 1975. Tiragem: 5200.

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

- Coleção Seara Nova/Biblioteca de Estudos sobre a Sociedade e a Cultura Portuguesas

Para a história do sindicalismo em Portugal. 2.^a ed. Alexandre Vieira. Abril, 1974.

O operariado e a República Democrática (1919-1914). César Oliveira. 1974.

O primeiro congresso do Partido Comunista Português. César Oliveira. 1975.

- Coleção De Leste a Oeste

Portugal depois da Revolução dos Capitães. Wilfred Burchett. Julho, 1975. Tiragem: 20 200.

Teorema (Lisboa)

- Lobo Mau

As paredes em liberdade. Agosto, 1974. (Recolha de fotografias sobre as paredes com pichagens de carácter político e social logo após o 25 de Abril.)

Decibel (Lisboa)

- País Realidade/“Cadernos” Decibel

Portugal a democracia difícil. Alfredo Barroso. Maio, 1975. Tiragem: 6500.

Guimarães & C.^a Editores (Lisboa)

- Sociologia e Política

A introdução do marxismo em Portugal (1859-1930). Alfredo Margarido.

Agosto, 1975. Tiragem: 2500.

Anexo 2 – Obras avulsas sobre História de Portugal editadas em 1974-75

Em negrito aparecem o nome da editora e entre parênteses a cidade sede da editora. Em seguida, em itálico, vem o(s) título(s) da obra(s) publicada(s).

A Regra do Jogo (Porto/Lisboa)

Terror em Tete. Relato documental das atrocidades dos portugueses no distrito de Tete, Moçambique (1971-1972). Outubro, 1974.

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

Agência Portuguesa de Revistas (Lisboa)

As mentiras de Marcello Caetano: resposta a um falso depoimento. Coronel Antonino Cruz e Vitoriano Rosa. 1974.

Dossier PIDE: os horrores e crimes de uma “polícia”. Pelo “Repórter Sombra”. 1974.

11 de Março: autópsia de um golpe. Jorge Feio, Fernanda Leitão e Carlos Pina. 1975.

Arcádia (Lisboa)

Portugal amordaçado: depoimento sobre os anos do fascismo. Mário Soares. Outubro, 1974.

De súbito, em Abril: 24, 25, 26. Paulo Madeira Rodrigues. Junho, 1974.

A luta de classes em Portugal. Paul Sweezy. Dezembro, 1975. Número especial.

Aster (Lisboa)

Visado pela censura: A imprensa, figuras, evocações da ditadura à democracia. Norberto Lopes. 1975.

Atlântida (Coimbra)

Nos cárceres do fascismo: notas, escritos, reflexões. Carlos de Almeida. Dezembro, 1974.

Brasília (Porto)

Tarrafal, aldeia da morte: o diário da B5. Manuel Francisco Rodrigues. Julho, 1974.

Contra a Corrente (Lisboa)

Um ano, um mês e um dia depois: para onde vai o 25 de Abril? (Economia e política da classe dominante). João Bernardo. 26 de maio, 1975. Tiragem: 1000; 2.^a ed. 12 de outubro, 1975. Tiragem: 1000. (“Edições Contra a Corrente n.º 3”)

Crise da sociedade portuguesa: “descolonização” e “independência nacional”. Charles Reeve e J. Carvalho-Ferreira. Setembro de 1975. Impresso na Gráfica 2000 em autogestão.

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

Edições Militão Ribeiro

Elementos para a história do movimento operário e do Partido Comunista em Portugal.
Francisco Martins Rodrigues. Janeiro, 1975.

Edições Sociais (Lisboa)

Origens e evolução do movimento de capitães: subsídios para uma melhor compreensão.
Dinis de Almeida. 2.^a tiragem. Março, 1977.

Europa-América

Depoimento inacabado. Memórias. Vasco da Gama Fernandes. Maio, 1975.

Futura (Lisboa)

As opiniões que o D. L. teve. José Saramago. Coedição com Seara Nova. 1974.
Novas cartas portuguesas. Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa. Maio, 1974.

Iniciativas Editoriais (Lisboa)

Dicionário de História de Portugal. Dir. por Joel Serrão. 1963-1971.
Presos políticos: documentos 1972-1974. Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos. Fevereiro, 1975.

Intervenção (Braga-Lisboa)

O equívoco do 25 de Abril. Sanches Osório. Agosto, 1975.

Jornal de Fundão (Fundão)

Pide: a história da repressão. Compil. Alexandre Manuel, Rogério Carapinha, Dias Neves. Junho, 1974.

Líber (Lisboa)

Humberto Delgado: assassinato de um herói. Mariano Robles Romero-Robledo e José António Novaes. 1974.
Mário Soares: um combatente do socialismo. B. Dias Nosty. 1975.

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 n° 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

“Dossier” Goa. Vassalo e Silva: a recusa de um sacrifício inútil. Coord. Botelho da Silva. 1975.

11 de Março: o tiro pela culatra. Dinis de Abreu (cord.). 1975. Tiragem: 10 000.

Salgado Zenha: o homem da liberdade. Rui de Brito. Maio, 1975. Tiragem: 10 000.

Acuso Marcelo Caetano. E. Freitas da Costa. Novembro, 1975. Tiragem: 5000.

Mário Soares, o chanceler português. B. Diaz Nosty. 1975.

Eleições em Abril: diário de campanha. Dinis de Abreu. Maio, 1975. Tiragem: 5000.

Livraria Popular de Francisco Franco (Lisboa)

Grades serradas. Henrique Galvão. 1974.

Diário de Peniche. Henrique Galvão. 1974.

Moraes (Lisboa)

O Movimento dos Capitães e o 25 de Abril: 229 dias para derrubar o fascismo. Avelino Rodrigues, Cesário Borga e Mário Cardoso. Novembro, 1974.

Angola: o longo caminho da liberdade. Amadeu José de Freitas. 1975.

N. A.* Orion (Amadora)

Caxias: últimos dias do fascismo (Diário do encarcerado). Orlando Gonçalves. Julho, 1974. (2.^a edição revista e aumentada, 8.º milhar, Março, 1977.)

Prisão e isolamento em Caxias: uma breve experiência. António Modesto Navarro. Setembro, 1974.

O Século (Lisboa)

Portugal livre. 20 fotógrafos contam a Revolução dos Cravos. 1974.

Portugal oprimido: factos e nomes da ditadura salazarista. Capitão Fernando Queiroga. Fevereiro, 1975.

Seara Nova (Lisboa)

Mulheres portuguesas na resistência. Rose Nery Nobre de Melo. Agosto, 1975. Tiragem: 5200.

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 nº 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

Decibel (Lisboa)

11 de Março. Março, 1975. Tiragem: 40 000.

Primeiras eleições livres. Maio, 1975. Tiragem: 10 000.

Dêagá (Lisboa)

Unicidade: minicomícios no grande comício. Pedro Alvim. Fotos de José Tavares e José Teixeira. Outubro, 1975. Tiragem: 5000.

Memórias de um prisioneiro do Tarrafal. Correia Pires. Julho, 1975. Tiragem: 5000.

Pedro e Luísa: morrer antes do fim. Nuno Gomes dos Santos e José Tavares. Prefácio de Álvaro Cunhal. Junho, 1975. Tiragem: 5000.

Portugal ano um da Revolução. Texto: Josué da Silva; fotos: José Tavares, Álvaro Tavares e José Teixeira. Julho, 1975. Tiragem: 15 000.

Edição Somuna

Memórias de um ano de revolução: itinerário de um jornalista na luta por um jornal. Nuno Rocha. Junho, 1975. Tiragem: 5000.

Edições Luta Estudantil – Comissões Estudantis de Unidade Revolucionária

A resistência anti-fascista (1926-1940): relatório de José Gregório sobre os acontecimentos de 18 de Janeiro de 1934. Janeiro, 1975.

Edições O Jornal (Lisboa)

Cartoons, 1969-1975. João Abel Manta; prefácio de José Cardoso Pires. 1975.

Grupo Autónomo do Partido Socialista – GAPS

Greve geral 18 de janeiro 1934. 1974.

Referências Bibliográficas

BLOCH, Marc (1998), “Para uma história comparada das sociedades europeias” in Marc Bloch, *História e historiadores*, Lisboa, Teorema, p. 119-150.

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 n° 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

BURNAND, Léonard; CARRON, Damien; JEANNERET, Pierre (2007), *Livre et militantisme. La Cité Editeur, 1958-1967*, Lausanne, Editions d'en bas.

CHARTIER, Roger (1994), *A ordem dos livros*, Brasília, Editora da UnB.

CHARTIER, Roger (2001). *Cultura escrita, literatura e história*, Porto Alegre, Artmed.

CHARTIER, Roger (2005), *El presente del pasado: escritura de la historia, historia de lo escrito*, Cidade do México, Universidad Iberoamericana, Departamento de Historia.

DARNTON, Robert (2008), “ ‘O que é a história dos livros’ revisitado”. Trad. de Lilia G. M. Tavolaro, *ArtCultura*, v. 10, n.º 16, p. 153-167.

EISENSTEIN, Elizabeth L. (1998), *A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa Moderna*, São Paulo: Ática.

HAGE, J. F. (2006), “Maspero, éditeur partisan”, *Contretemps*, n. 15, pp. 104-110, [consulta em 24/10/2012]. Disponível em: <http://www.contretemps.eu/sites/default/files/Contretemps%2015.pdf>

HAGE, J. F. (2010a). *Feltrinelli, Maspero, Wagenbach: une nouvelle génération d'éditeurs politiques d'extrême gauche en Europe Occidentale 1955-1982*, Tese de História Contemporânea, Versailles, Université de Versailles Saint-Quentin-En-Yvelines Batiment D'Alembert.

HAGE, J. F. (2010b). “Collections politiques et effets de sens: Littérature et politique dans les nouvelles maisons d'édition politique d'extrême gauche au cours des années 1960 et 1970”, *Cahiers du CRHQ* (Centre de Recherche d'Histoire Quantitative), n.º 2, [consulta em 17/10/2012]. Disponível em: <http://www.crhq.cnrs.fr/cahiers/page-article.php?num=313&ch=7>

M. R. “Prioridade ao tema político” (1974), *Vida Mundial*, Lisboa, n.º 1834, 7/11/1974, p. 49.

MAUÉS, Flamarion (2019), *Livros que tomam partido: Edição e revolução em Portugal – 1968-1980*, Lisboa, Parsifal/Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo.

MEDEIROS, Nuno (2010a), “Objecto dúctil: a emergência de uma sociologia histórica da edição”, *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, vol. 22, n. 2, pp. 241-261.

MEDEIROS, Nuno (2010b), *Edição e editores: o mundo do livro em Portugal, 1940-1970*, Lisboa, ICS.

MEDEIROS, Nuno, *O livro no Portugal contemporâneo*, Lisboa, Outro Modo, 2018.

MERCADANTE, Paulo (1975), *Portugal ano zero*, Rio de Janeiro, Artenova.

Flamarion Maués – *Coleções e obras sobre História de Portugal após o 25 de Abril: política e ação editorial*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 14 n° 2 2024. 121-152.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_2a7

MOLLIER, Jean-Yves (2006), “Quando o impresso se torna uma arma no combate político: a França do século xv ao século xx” in Eliana Dutra, Jean-Yves Mollier (orgs.), *Política, nação e edição. O lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*, São Paulo, Annablume, v. 1, p. 259-274.

Resenha do livro *Indústria, ideologia e quotidiano (ensaio sobre o capitalismo em Portugal)*, de João Martins Pereira. *Vida Mundial*, Lisboa, n.º 1829, 3/10/1974, p. 6.

SOUSA, Franco (1974), “Dedicatória ao povo português” in J. Borda, *A revolta dos marinheiros*, Lisboa, Edições Sociais.

VALLOTON, François (2007), “Edition et militantisme: le catalogue de ‘La Cité: Editeur’ (1958-1967)” in L. Burnand, D. Carron, P. Jeanneret (eds.), *Livre et militantisme. La Cité Editeur, 1958-1967*, Lausanne: Editions d’en bas.